

ÍNDIOS NO SUL DO BRASIL

OS CAPÍTULOS FINAIS DE UM EXTERMÍNIO

EDILSON MARTINS

A Funai mantém 24 postos nos Estados do Sul, em torno dos quais se espalham cerca de 9 mil índios, que sobrevivem em 180 mil hectares de terra, cada dia mais cobertos pelo civilizado. Apesar de serem os habitantes mais antigos do Brasil —

há 10 mil anos já ocupavam esta parte da América — desde o descobrimento sofrem uma impiedosa perseguição do progresso que, praticamente, rouba-lhes tudo: as terras, os costumes, a língua e a identidade tribal.

Os índios do Sul, reduzidos a uns poucos pelas doenças, assassinatos e desorganização social, reagem

negativamente a esta invasão cultural. O álcool, o roubo e a indolência parecem ser os sucedâneos que acham contra a desagregação, mal percebendo que desta forma estão condenando a si e às suas tribos ao desaparecimento.

Um dos representantes da tribo dos Caingangue, que vive próxima ao posto de Guarapuava, no Paraná, fala de seu medo:

"Tenho medo do progresso do mundo. Nossa flecha é muito fraca diante de todas essas máquinas. Mais cedo ou mais tarde, vamos desaparecer. Não posso dizer isso a meus irmãos.

Por isso, às vezes, índio fica triste durante muito tempo.

E civilizado não entende".

Seig-Seig mudou de nome, substituiu o mundo mítico de sua aldeia, por um sincretismo religioso onde cabem São Pedro, Virgem Maria, Iemanjá, e até manifestações da reforma Luterana. Seig-Seig hoje é Pedro Cornélio, capitão dos Caingangue, no posto indígena de Guarapuava, no Estado do Paraná, onde vivem cerca de 300 silvícolas. Este é um dos 24 postos mantidos pela Funai nos Estados do Sul — São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul — e que reúne cerca de 9 mil índios — Caingangue, Guarani, Xoclogue, Terena e Xetá — ocupando uma área de mais de 180 mil hectares de terra. Por serem ricas, e ainda preservadas, estas reservas estão agora, mais do que nunca, ameaçadas de invasão por parte de companhias madeireiras, intrusos, arrendatários, e aventureiros das mais diferentes espécies.

— Aqui em Guarapuava, afirma Seig-Seig, os Caingangue são puros, não se misturaram com civilizados. Com mestiçagem tudo se complica. Índio deixa de ser índio verdadeiro. Conheço bem meu povo. Me orgulho dele. Sei que nos outros postos a situação é muito má para índio. Civilizado querendo invadir tudo, ocupar o pouco que sobrou. Eu sempre digo que se a gente não esquecer a língua, não brigar entre a gente, não desaparece. Mas meu povo está com medo. Eu também. Mas não posso mostrar meu medo. Tenho medo do progresso do mundo. Nossa flecha é muito fraca diante de todas essas máquinas. Posso dizer uma coisa? Mais cedo ou mais tarde vamos desaparecer. Não posso dizer isso para meus irmãos. Por isso, às vezes, índio fica triste durante muito tempo. E civilizado não entende.

O COMEÇO

Atraídos ainda no século passado os índios do Sul do Brasil oferecem hoje um dos argumentos mais contundentes contra a política de integração de nações silvícolas. Como o Sul foi uma das regiões onde primeiro se manifestou, de forma mais acentuada, a colonização do país, os índios, evidentemente, conheceram de perto essas frentes de ocupação. Uma Carta Régia expedida por D João VI em 1808, já determinava aos grupos de imigrantes europeus "como principiada a guerra contra estes bárbaros índios". Todo o século passado foi portanto, uma perseguição sem trégua aos grupos indígenas da região, sendo que essa ação se estendeu até as primeiras décadas do século XX.

Das imensas e exuberantes terras antigas, quase nada sobrou. Recentemente a Polícia federal, ajudada por forças do Exército, apreendeu no posto de Ibirama, em Santa Catarina, 22 tratores, 24 moto-serras, e mais 15 caminhões carregados de madeira. Isto num único dia. Espantosamente, todo esse material, mais os caminhões, se encontravam clandestinamente no interior da reserva indígena, destruindo o que resta de toda a flora da área. O episódio de Ibirama só se tornou conhecido porque assumiu características especiais, isto é, a presença de forças do Exército e Polícia federal impedindo tal depredação. Em Guarita, no Rio Grande do Sul, os índios não conseguem a retirada dos grupos de invasores e arrendatários que ocupam suas terras. Embora vencidos os prazos de arrendamento, os ocupantes continuam nessas terras, aliciados pelos políticos locais que lhes garantem que o Governo terminará por lhes ceder definitivamente tais áreas.

Em Mangueirinhas, Paraná, onde vivem cerca de 350 índios, o posto está dividido em duas áreas, já que a invasão das companhias madeireiras atingiu grandes proporções. Há nessa área uma reserva de 120 mil pinheiros, que não foi destruída porque a Funai moveu uma ação judicial contra a empresa madeireira Slavieiros. Como essa área está *sub-judice* foi a única em que a floresta foi poupada. No Rio Grande do Sul os postos de Ventura e Serrinha desapareceram, tão ostensiva foi a invasão dos ocupantes civilizados.

No posto de Xapecó, no Município de Xanxerê, Santa Catarina, os arrendatários, legais e intrusos, praticamente ficaram ricos. Quem visita a reserva indígena encontra arrendatário com tratores automotrizes, automóveis, caminhões, e até rebanhos de gado; isto tudo ao lado de índios que ainda moram em verdadeiras taperas, como os guaranis, semifamintos, subnutridos e tuberculosos.

POSIÇÃO

De toda a nação Xetá restam hoje apenas seis índios, espalhados nos postos de Guarapuava, Mangueirinhas e Palmas. Este número é na verdade um libelo cruel, quando se sabe que até o século passado essa nação era numerosa. Não se tem dúvidas de que o desaparecimento de índios, no contato com as frentes pioneiras de civilizados, foi ostensivo, para não dizer violento. Isto num país, em que na época do descobrimento, os índios somavam um mínimo de 3 milhões de pessoas. Hoje esse número não ultrapassa 100 mil. Quatro séculos foram suficientes para reduzir a esse mínimo nações que ocupavam o país há pelo menos 10 mil anos.

No Sul a proporção do desaparecimento foi muito maior, já que nessa região o processo de colonização foi pioneiro, mais sofisticado. O chefe do posto de Xapecó, em Santa Catarina, Sr Franklin Mader, gaúcho de 64 anos, observa que "enquanto existir índios a ecologia está garantida, preservada. Eles não podem sobreviver, enquanto índios, sem a natureza. Por isso precisam acabar, desaparecer, para que a devastação não encontre obstáculos. Quando cheguei a este posto, em 1968, havia 48 famílias de intrusos, invasores da reserva indígena. Habilmente esse número foi reduzido para 29 famílias apenas. Tão logo se encerrou o prazo de arrendamento, em 31 de julho deste ano, imaginei terminada a ocupação das terras indígenas. Mas vieram os políticos e insuflaram os in-

vasores a permanecer. Se analisarmos historicamente, esses são apenas os capítulos finais de um extermínio que não é responsabilidade deste ou daquele Governo, mas de toda uma cultura dita civilizada."

Um dos aspectos promissores do quadro atual é que a direção da Funai, na verdade, se tem mantido numa posição de defesa de todas as nações indígenas do país. O que constitui uma grande novidade. Quem acompanha a ação desse órgão, que já se chamou Serviço de Proteção ao Índio e no qual não foram poucos os desmandos, sabe do ineditismo dessa posição. A atual direção tem enfrentado forças poderosas, mas mesmo assim o General Ismarth de Araújo tem recusado a se curvar diante de qualquer pressão.

Os 24 postos do Sul contam com nações Guaraní e Xetá, do tronco linguístico tupi; Kaingang ou Coroado, Xoclengue ou Botocudo, do tronco macro-Jê e Terena do Aruaque. A grande maioria se compõe de Caingangue e Guaraní, que se espalham por quase todos os postos. Os Xoclengue estão confinados em Ibirama (SC), e as quatro famílias de Terena, do que sobrou da grandeza antiga, permanecem nos postos de Araribá e Ikatu, em São Paulo. No início os Guaranis dominavam o Sul (Reduções Jesuíticas do Paraná, os Sete Povos das Missões do Rio Grande).

O titular da 4a. Delegacia Regional da Funai, Sr Francisco Neves Brasileiro, revela que "ocupam, igualmente, terras indígenas os chamados intrusos ou invasores. Seja por estímulo de políticos, que inclusive prometem aos eleitores civilizados a partilha das terras indígenas (posto indígena de Xapécó e de Nancai), seja por culpa de administrações estaduais, loteando e titulando a civilizados essas terras. Exemplo; PI Rio das Cobras onde 10 mil hectares de terra sofreram tal processo na administração Moisés Lupion. Outras vezes se devolve aos índios terras intrusadas, conforme ocorreu com o PI Barão de Antonina; a área de 14 mil alqueires, cedida pelo Barão, foi doada em 1945 ao Estado do Paraná, com a obrigação deste de restituir 2 mil alqueires, titulados e livres de estranhos, o que não aconteceu".

O FUTURO

O índio, no Brasil, e de resto no mundo, não tem história. Ou, pelo menos sua história é de curta memória. Só no século XX, quando o país começou a despertar para os crimes inomináveis que se praticaram contra essas civilizações, desapareceram, como nação e mesmo grupo, pelo

menos umas 100 diferentes tribos. Ao contrário do que se pensa, o índio, enquanto primitivo, não é um homem sem leis que vagueia pelo mato, armado de borduna, matando e destruindo. Nos seus domínios o equilíbrio está mantido, e ele, antes do confronto com o civilizado, vive em paz consigo e em harmonia com a natureza. A natureza não o violenta, e como tal ele não se sente agredido. O civilizado sim, precisa derrubar florestas, desviar cursos de rios, exterminar a fauna, menos por necessidade, muitas vezes por diletantismo e irresponsabilidade.

Nos domínios de uma aldeia, há caminhos certos, assim como o seu mundo moral segue regras e leis, tem valores, princípios e fins. Na realidade constituem sociedades estáveis, e sua religião não é um amontoado de superstições grosseiras e idéias sem nexo. Nascedo em contato direto com a natureza e com ela vivendo em perfeita harmonia, o índio não aceita jamais uma vida sem liberdade total. E se lhe impõem, reage a sua maneira; torna-se alcoólatra, preguiçoso, ladrão contumaz, fica arredio e triste, conforme revela a experiência com os índios do Sul. Quando não decide, por conta própria, morrer. E então afirma: "Vou morrer". Procura uma rede, deita-se nela e morre, em paz com o mundo e com ele próprio. O índio pertence a uma das poucas etnias que não sabe viver sem liberdade. No Brasil, ao longo de quatro séculos, nunca se conseguiu fazer dele um escravo. E não foram poucas as tentativas.

Numa aldeia não se conhece o lucro, a competição, a exploração. De um modo geral, ninguém deve obediência a ninguém. Há respeito, mas não há domínio, autoridade arbitrária. Talvez por isso os índios precisam desaparecer. Constituem, de forma inconsciente, uma ameaça muito grave aos civilizados, que há muito se acostumaram a viver divorciados dos elementos que definem a razão maior de uma nação indígena.

O mestiço Antônio da Silva, neto de índios Xoclengue, residente no posto de Ibirama, em Santa Catarina, já velho, muito mais índio que civilizado, disse tristemente: "Sabe, doutor, não entendo mais nada. Alguma coisa me diz que a Funai quer nos ajudar, mas vêm outras pessoas, importantes e me parecem de boa fé, e garantem o contrário. O que posso entender é que essa venda de madeira no posto, que a Funai proíbe, nos traz dinheiro. E a gente não pode mais viver sem dinheiro. Quando era índio, muito bem, mas agora não".